

PROGRAMA

Sete Palavras e um Punhal (1982) para flautista, sua voz e recursos eletrônicos
Rogério Wolf, flauta

El laúd y las brumas (2013) para voz, percussão, violão e recursos eletrônicos
Laiana Oliveira, soprano
Joaquim Abreu, percussão
Daniel Murray, violão

Leminski: quatro dizeres e uma sombra (2014) para voz e piano
Ademir Costa, barítono
Rosana Civile, piano

Cantares para Airton Barbosa (1982)
Fábio Cury, fagote

Cantos Novos & Vazios (1977) para voz e piano
Caroline De Comi, soprano
Lidia Bazarian, piano

Movimento de Sonata (1967)
Renato Figueiredo, piano

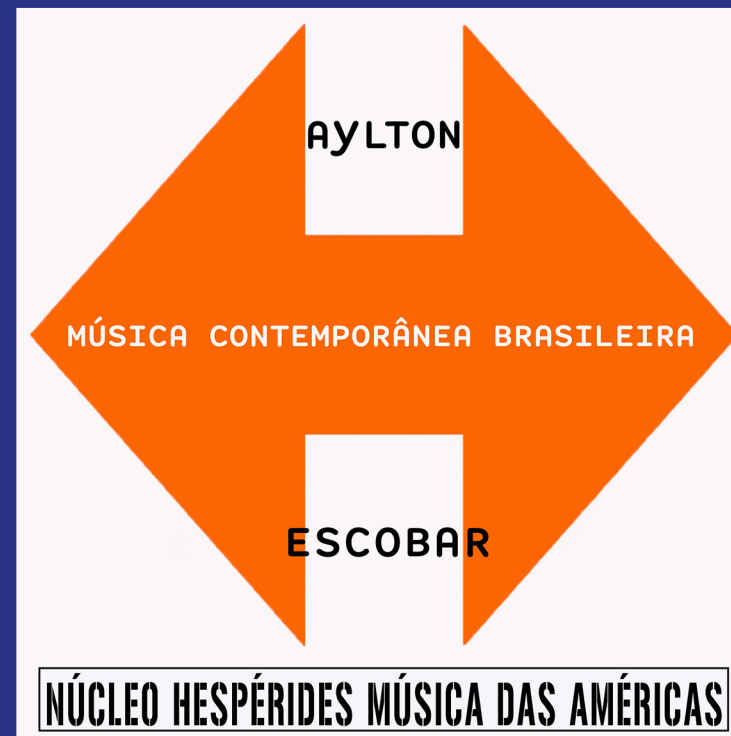
Poética IV (1980) para clarinete baixo e recursos eletrônicos
Luis Afonso Montanha, clarinete baixo

Assembly (1972) para piano e recursos eletrônicos
Maria José Carrasqueira, piano

En el hondo silencio de la noche - (Escena), (2015) para clarinete, violoncelo, piano e coro feminino
Bruno Ghirardi, clarinete
Rafael Cesario, violoncelo
Renato Figueiredo, piano
Aymée Wentz, Eliane Aquino, Indhyra Gonfio, Larissa Lacerda, Luciana Crepaldi, Raquel Manoel - sopranos
Andréia Abreu, Gilzane Castellán, Ivy Szot, Lúcia Peterlevitz, Tania Viana, Vanessa Mello - contraltos
Maíra Ferreira, regência

Álbum disponível nas principais plataformas digitais

<http://tratore ffm.to/ayltonescobar>



THEATRO SÃO PEDRO
9.10.2023

Aylton Escobar: direção artística do álbum
Beto Machado: gravação e mixagem
Gravado no Estúdio dos Lagos e no Estúdio Cachuera em junho e agosto de 2023

Rosana Civile: coordenação geral
Angela Volcov: comunicação
Andrea Kaiser: direção de arte
Carlos Nascimbeni: produção executiva
Valdemir Silva: produção musical

Aylton Escobar

Esta homenagem é, antes de tudo, um agradecimento que o Núcleo Hespérides – Música das Américas, em nome de muitas gerações – inclusive as futuras –, rende ao querido Aylton. Somos-lhe gratos por termos tido nossas existências abalroadas pela força e pela beleza de suas criações que, ao instaurarem um mundo ilimitado de inquietações estéticas, arremessaram nossos destinos em direção à consciência das condições humanas do inacabamento e da potência da eterna mutabilidade.

Sua obra, ontologicamente multissensorial, abrange diferentes instâncias artísticas nas quais a música, como protagonista ou parceira do teatro, da dança, do cinema, da literatura, das artes visuais e de outras expressões híbridas, atualiza e nos remete continuamente à pergunta que nunca quer calar, feita por Mário de Andrade: como ser brasileiro e “moderno”? Como urdir tradições, histórias e heranças colonialistas com liberdades, sonhos, intuições e experimentalismos? A resposta de Aylton se manifesta por meio do rigor de sua honestidade: o cânone e a novidade – aquele lugar nunca habitado por nossa imaginação – lhes são sugeridos pela própria concretude da matéria artística, pelo processo percebido e exigido por ela, em seu caminho de tornar-se obra que dialoga com as demandas da contemporaneidade brasileira. Dessa forma, sua vasta e profunda cultura se encontra com seu desassossego – fruto de sua insaciável curiosidade –,

visoriedades e impermanências ele assume como “ossos do ofício” de um criador-artesão.

O programa que hoje apresentamos pode ser considerado um emblema da poética de Aylton: suas peças começam a soar no momento

da leitura de seus títulos – verdadeiras antessalas perceptivas nas quais nossa fruição já começa a se espriar. São “promessas de felicidade”, mais uma vez nos lembrando de Mário de Andrade. Seu amor explícito pelas artes da palavra, seja como presença sonora, imagética, corpórea ou semântica no mundo, revela-se, sem pudor, por exemplo, em *Sete Palavras e um Punhal*, ou em *Leminski: quatro dizeres e uma sombra*, e a potencialidade sinestésica de sua música está, também, aí anunciada.

Convocando para a performance e/ou para a escuta um corpo inteiramente senciente, suas composições apontam para uma experiência perceptiva entrelaçada, cuja manifestação se dá na oscilação entre nitidez (identidade, memória) e opacidade (obscurecimento, longinquidade) de eventos musicais, cênicos e dramáticos. Seja por meio da voz, do instrumento, do recurso eletrônico ou de qualquer ação sonora, o convite ao jogo e ao risco está sempre presente. As

lencio de la noche são, nesse aspecto, exemplares.

Muito, muito mais sobre a poética de Aylton Escobar poderia ser trazido aqui, mas nossa homenagem e nossa gratidão a ele se concretizam, mais intensamente, quando interpretamos suas obras. Com este concerto ao vivo, ou com nossa gravação desse mesmo repertório – já disponibilizada nas principais plataformas –, compartilhamos com todos os ouvintes o privilégio e a honra de ter a generosa e corajosa sensibilidade de Aylton como companheira de

Com amor, Aylton, receba esta homenagem.
Yara Caznok, em nome de todo o Hespérides!